

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,

JOAO DE SOUSA

SECRETARIO DA REDACÇÃO,

FRANCISCO GUIMARAES

ADMINISTRADOR,

JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isentos de cobrança postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade, nem se restituem os authographos, quer ou não sejam publicados.

Mais um absurdo

Não nada em um mar de rosa, a imprensa da nossa classe.

Pelo texto de uma carta que temos presente, dirigida a um nosso collega pelo negociante de Vianna do Castello, snr. Joaquim José Martins Ferros, os nossos jornaes são julgados, sumariamente, sem contestação nem agravo, como arautos de immoralidade e corruptores de consciencias limpas. Não fazemos uma analyse geral ao texto d'essa carta: não queremos embrenhar-nos em assumptos varios que n'ella se tratam, para não nos classificarem de divulgadores de factos particulares, com os quaes não temos nada, e que devem ficar ignorados para bem de todos nós—caixeiros e patrões. Ha n'ella porém, uma accusação infamante, uma aleivosia tão absurda que, pela parte que nos toca sob aspecto algum a admittimos. A carta é a resposta a um pedido do nosso collega em que solicita o ingresso como caixeiro no estabelecimento d'aquelle commerciante. N'essa carta a que vimos alludindo impõem-se condições humilhantes que caixeiro nenhum deve acceitar. Assim, o nosso collega, pediu-nos para a ella nos referirmos e mostrarmos á classe o conceito pouco honroso em que é tida, por aquelle commerciante, a imprensa caixeiral.

Já dissemos que não analysamos a carta no geral. Reportemo-nos, pois á parte principal que mais nos fere e deitamos o resto ao esquecimento, finjámos que só o periodo que precisamos constitue o texto completo da carta. Eil-o:

«Não receber jornalecos que se publicam com o nome de defensores da classe e que todos os caixeiros que tendo sido que os recebem se tem corrompido até chegarem a praticar acções que são a

vergonha da classe e que por nojentos me abstenho de relatar».

Perante taes affirmações, em face de taes palavras injuriosas, a nossa consciencia revolta-se, o nosso espirito protesta altivamente, com a certeza de quem nunca prevaricou ou procedeu de maneira a merecer censuras e accusações d'esta ordem. Não conhecemos pessoalmente os seus erros, nem d'isso temos necessidade: quem imputa, porém, taes responsabilidades a jornaes que, incontestavelmente, tem um passado honesto e servido a sua causa com dedicação, solicitude e desinteresse, não póde possuir uma intelligencia razoavelmente esclarecida, nem um espirito algo sensato.

Em um artigo que ha tempos publicamos na «Fraternidade», relativo á educação, dissemos que o mal que mais nocivo é ao bom senso, está na supposta instrucção dos letrados, d'aquelles que não merecem justamente o qualificativo de analfabetos. Hoje essa opinião, que então singelamente suppozemos, resalta de uma maneira bem evidente no caso da carta em questão.

O sr. Ferros, se lhe não ensinassem a escrever, certamente não teria feito um juizo tão errado e absurdo da nossa imprensa, nem nos obrigava, agora, a dizer que, para algumas pessoas, o pão de espirito é um pezadíssimo carreto, com o qual não podem, e que os obriga a exhibir sentimentos indecorosos, que nunca se deviam manifestar. As acções nojentas, ás quaes o sr. Ferros se refere na sua infeliz carta, advinhamol-as nós: hão-de ser, talvez, a inserção de artigos assignados por caixeiros, censurando patrões como o snr. Ferros, que apenas vêem os seus interesses e beneficios proprios e calcam, inapta e grosseiramente, a sua dignidade e brio pessoal, e

impellam, ainda, os seus empregados a seguir um caminho cheio de ambições e torpezas, trampolinicas e mysterios.

Não vale a honra de uma larga critica a opinião insensata do snr. Ferros. Hoje, como já ha tempo o dissemos, lamentamos publicamente que a instrucção sómente sirva, a algumas pessoas, para desenvolver facultades pouco uteis, só aproveitadas por tartufos possuidores de caracteres pouco escrupulosos.

Reforma d'estatutos

Consideração ácerca da reforma dos estatutos da actual Associação de Beneficencia dos Empregados do Commercio de Barcellos.

Considerações

Em 1 de novembro de 1901, reuniu-se, em assembleia geral, a Associação de Beneficencia dos Empregados do Commercio de Barcellos; e n'essa reunião, foi approvada, por maioria absoluta, a proposta da reforma parcial dos estatutos e ficou nomeada uma commissão encarregada de modificar as actuaes disposições estatuzarias (parcialmente), de modo a garantir á Associação o direito de:

a) Intervir nos assumptos de defeza dos direitos da classe dos caixeiros;

b) Procurar os meios necessarios para a instrucção dos socios, por meio de aulas gratuitas, com leccionação de:—escripturação commercial, contabilidade, calligraphia, leitura etc., etc.;

c) Sustentar, annexa á Associação, uma caixa de pensões para soccorrer os socios doentes, impossibilitados de trabalhar, presos ou fallidos;

d) Organização de um gabinete de leitura, ou fosse o augmento do que existe;

e) Outros melhoramentos necessarios para a boa educação profissional, litteraria e scientifica, dos socios da Associação.

Era sobre estas bases que assentou, então, a ideia da reforma parcial dos estatutos da Associação dos Empregados do Commercio de Barcellos, bases em que vemos um grande avanço para o bom andamento da aggremação, que tem socios que muito precisam de instrucção.

Fomos nós um dos que com mais entusiasmo e confiança deu o voto de approvação áquella proposta e também fomos um dos que, com o fallecido collega Antonio José d'Oliveira, trabalhou na reforma dos estatutos, reforma essa que deve estar no archivo da Associação.

E se então havia motivo para se fazer a reforma dos estatutos, hoje mais razão ha; e não sabemos, até, porque se tem deixado de cumprir aquella resolução da assembleia geral de 1 de novembro de 1906.

Vae brevemente reunir-se a assembleia geral da mesma Associação, para a eleição dos corpos gerentes, e não seria desacertado que n'essa sessão se tratasse novamente da reforma dos estatutos e preparar-se o andamento dos trabalhos iniciados com a assembleia de 1 de novembro de 1903.

Porque, se ha terras onde o caixeirato pouco tem avançado, em assumptos associativos e de educação, uma d'ellas é Barcellos; e ha por ahí muito quem estranhe a falta de ideia no aproveitamento d'essas poucas horas de liberdade que os caixeiros locais tem aos domingos de tarde.

Ha ahí bons rapazes, com bastantes conhecimentos e que muito podem fazer em proveito da reforma dos estatutos, que nós entendemos de muita necessidade fazer-se: ou moldada nos principios estabelecidos em 1903, ou de outros de mais proveito, que alguém possa expôr.

Pense-se novamente no assumpto e—mãos á obra, porque ella tem de trazer muitos beneficios ao caixeirato local, e vem preencher uma lacuna aberta que, desde ha muito, se tem feito sentir, como é essa de a Associação não poder actualmente, tratar de certos assumptos independentes do mutualismo.

Charadas e enigmas

Por motivo de doença do seu director, o nosso presado amigo portuense sr. Antonio Cruz (*Kiçai*), temos deixado de publicar esta interessante secção que, d'ora ávante, porque aquelle nosso prestimoso collega se acha em via de restabelecimento, o que muito estimamos,—continuará a ser publicada.

A todos os assignantes que queiram collaborar na referida secção, pedimos o favor de dirigirem as suas produções ao respectivo director da secção, sr. Antonio Cruz (*Kiçai*), rua do Almada, 26, Porto,

O nosso anniversario

O nosso prestimoso confrade portuense. «A Luz do Commercio», diz, a proposito do nosso anniversario, o seguinte:

«A Fraternidade.—Entrou no terceiro anno da sua publicação este nosso illustre confrade, de Barcellos. As nossas felicitações sinceras, com o desejo vehemente que o facto se repita por longos annos, sem os calotes da classe, e que nós possamos assistir, tambem, a esses anniversarios, isento do *prestantissimo* concurso dos srs. caloteiros que vão lendo o jornal a *giz* e quando depois lhe apparece o cobrador com os recibos, lá vem nas costas as classicas repostas de sempre: *não assignou, declarou que não pagava*, e que não quer continuar a assignatura, etc., etc.

Isto ainda é pouco, relativamente a descaro, porque os ha ainda com menos vergonha.

Uma amostra: «O destinatario está ausente».

Por baixo d'isto a seguinte nota do encarregado da cobrança: «Foi o proprio que fez o que acima se lê».

Ponto final, porque estamos sempre a fugir de mexer em tanta falta de dignidade propria: todavia já que o nosso presado collega barcellense nos forneceu ensejo de abordar o assumpto, sempre dizemos que ainda não resistimos, e acabamos por expôr a calva de muito tartufo, a execração da parte séria e honesta da nossa classe.»

Infelizmente, a chuva de caloteiros não só a nós porsegue! Todos, sem excepção de um unico jornal de classe, podem entender bem o *guardanapo*, porque n'elle nós veremos nomes que, apresentados na galeria dos caloteiros e desvergonhados que procuram extinguir uma folha que defende os direitos d'uma classe de opprimidos, dariam muito que falar. E virá tempo em que nós cansados de vê, tanta falta de criterio, seremos obrigados a estampar nomes, em typo muito normando, para que todos *admirem* e *apreciem*, muito do seu vagar, pelo que um jornal de classe é obrigado a acabar.

N'esta consoladora missão a que nos impuzemos, de defender e libertar a classe, temos recebido com muita resignação os *coices* dos que se julgam no direito de assignarem de graça o jornal, pagando-nos depois com o *calote*, mas ainda assim temos procurado resistir a tanta pouca vergonha. Mas, emfim enojados com essa *coisa* mal cheirosa, havemos de pegar no *chicote*. n'um dia em que a paciencia se enfraqueça, e havemos de dar tanta chicotada que terminaremos por mostrar os *meninos prodigtos* que nos cercam e tem cercado, desde a fundação do nosso jornal.

Mas vamos soffrendo, amigos, porque nós advogamos uma causa justa e é essa causa quem reclama o nosso esforço, e não a classe, porque esta, com poucas e honrosas excepções, o que merece é... *chicote*, muito *chicote*!

Tenhamos firmeza enquanto nos dermos; e depois de não po-

dermos, esqueçamos tudo e recolhamo-nos a vê as evoluções desconcertadas d'essa... *massa d'ingratos*!

Ao presado collega, agradecemos as felicitações.

«A Setta»

Tambem a proposito do nosso anniversario, «A Setta», da Guarda, diz o que segue:

«A Fraternidade.—Entrou no terceiro anno da sua existencia este nosso collega que vê a luz da publicidade em Barcellos.

As nossas mais cordeaes e sinceras felicitações ao valente trimensario que tão brilhantemente na arena da imprensa tem procurado levantar o nivel moral e guindou a consideração da sociedade a nossa classe.

Lamentamos bastante que uma grande parte dos membros da classe não se compenetre dos seus sacrosantos deveres, dando alento a quem com tamanho afan sacrifica o melhor da sua intellectualidade em demanda das suas reivindicções.

Ao prestimoso collega «A Setta», agradecemos as felicitações que nos dirige e tambem o modo como se refere á fórma como alguém corresponde ao nosso esforço. O illustre collega apesar de ser novo nas fileiras da nossa imprensa, tambem já ha-de ter sentido a ingratição da classe e sabe, como nós sabemos, os sacrificios que se fazem e os trabalhos constantes que a publicação d'um jornal traz a quem tem a responsabilidade de o fazer sair a publico.

Se a classe tivesse brio, e como nós, estivesse empenhada em fazer valer os seus direitos, procuraria na imprensa um porta-voz para fazer ecoar longe as suas reclamações; e daria todo o seu auxilio á sua imprensa, porque tem sido ella—podemos dizel-o sem vaidade, mas com orgulho—quem tem tomado a parte mais activa e mais persistente na propaganda da causa do caixeirato.

Assim, desde que da parte da classe não ha o verdadeiro interesse na causa, nós, como todos, quando nos achamos cansados e sem recursos para manter os jornaes cujas despezas monetarias, bem fabulosas, pesam sobre nossos hombros, teremos de capital, como armas e munições diante d'uma força poderosissima, invencivel, porque irresistente, á qual podemos éar o nome de—*exercito de cadoteiros que nos arrasta á capitulação*!

Mas antes de capitular, batalharemos e nos ulimos momentos de vida a batalha ha-de ser tenaz e desesperada!

Heliodoro Salgado

Não se perdeu, ainda, nas enormes ondas do esquecimento, a grandiosa, a imponentissima manifestação de luto que o povo de Lisboa fez ao grande e sincero apostolo da Liberdade e da Democracia, que em vida se chamou Heliodoro Salgado!

A morte do proeminente jornalista, do fecundo tribuno, do inesquecivel defensor dos

opprimidos, d'aquelles para quem a ideia de conquistar a Liberdade tem sido sempre cercada de centenas de difficuldades e a exigir-lhes milhares de arrojos, foi tão sentida como se ella representasse uma perda que tivesse de trazer luto á bandeira da nossa nacionalidade.

Mas foi tambem assim:

A morte do grando vulto da democracia portugueza, se não cobriu de crepes a bandeira da Patria, que por tantas vezes defendeu, deixou enlutada outra bandeira—a bandeira da Liberdade—porque a Liberdade, tambem tem uma bandeira já heroica! E essa bandeira teve em Heliodoro um grande propagandista! Elle fazia acompanhar-se d'essa bandeira, quando escrevia e quando fallava ao povo opprimido,

As classes populares tinham no convicto livre-pensador o mais leal dos apostolos e o mais sincero dos propagandistas.

E se a manifestação do povo de Lisboa foi d'aquellas que tem um rasgado cunho de sinceridade, porque ella representou o sentimento de uma cidade em face da morte de um homem que não deixa outro a igualal-o, a manifestação do paiz não tem sido menos imponente.

E' que o povo via em Salgado o leal servidor de ideia democratica, o espirito luminoso, que abraçara sempre o lemma—*Liberdade—Igualdade—Fraternidade*.

Heliodoro foi o homem que mais trabalhou em prol do bem da Patria, em bem dos salarizados e foi um combatente audaz, cheio de genio e de convicção, collocado ao lado da bandeira da Democracia! Enchendo-se de audacia—*sempre audacia!*—como disseira um dos grandes vultos da revolução franceza, d'essa fogueira enorme que irradiou fecunda por todos os corações onde havia patriotismo—Heliodoro fôra sempre o maior inimigo da Monarchia.

Mas... morreu Heliodoro Salgado, o inevitavel servidor da democracia:

Viva a Liberdade!

A Fraternidade, representando no campo da imprensa portugueza uma classe de salarizados, honesta mas escravidada, que teve no morto um utilissimo defensor dos seus ideaes de Justiça, tambem presta a sua sentida homenagem de luto e deixa cahir o *bouquet* da sua saudade eterna sobre o athaude do morto que não conheceu, mas que sempre o admirára pelos seus grandes rasgos de generosidade e pela sua dedicação á causa da Liberdade.

E nós, os humildes obreiros do progresso social, os que incompetentemente laboram no jornalismo portuguez, dedicando-se de alma e coração á defesa da grande justiça da causa dos opprimidos, teremos milhares de occasiões de aprender em Heliodoro a lutar e a combater os males da sociedade, porque Heliodoro, o mestre de cerebro privilegia-

do que trabalhou tanto em prol da instrucção e da moralidade social, deixou no jornal um ABC que ensina a lutar, como aquelles que nas escolas ensinam as crianças a lêr; e, no livro, deixou as lições de Moral e de Educação civica.

Aprendâmos, pois, todos os opprimidos, nos ensinamentos que ás classes salarizadas deixou o morto glorioso, o inconfundivel polemista, o vigoroso tribuno que teve por nome—Heliodoro Salgado!

O descanso semanal

Na segunda-feira passada, 5 do corrente, reuniram-se na União dos Empregados do Commercio do Porto, os delegados das associações, afim de tratarem do momentoso assumpto do descanso semanal.

Presidio á sessão o nosso prestante amigo Antonio Augusto Baptista Junior, representante de «A Fraternidade» no Porto, tendo por secretarios os srs. Adolpho de Magalhães e Jacintho Cardoso Meiralles. Depois de ser lido o parecer da comissão, que consta do relatório do exame feito á these e trabalhos apresentados na sessão anterior, foi lida a representação que será enviada á camara dos deputados, na qual se propõem as seguintes modificações ao projecto de lei apresentado na mesma camara dos deputados pelo sr. dr. Carlos Lopes, estabelecendo o descanso semanal obrigatorio:

1.º—Que os empregados e operarios das empresas de viação terrestre e maritima sejam incluídos no projecto de lei do sr. dr. Carlos Lopes.

2.º—Prohibido de venda no dia destinado ao encerramento de qualquer mercadoria inherente aos estabelecimentos encerrados.

3.º—Restricção das lojas de bebidas alcoholicas no dia destinado á folga semanal.

4.º—Que as bibliothecas estejam abertas aos domingos, facultando-se qualquer dia para a folga do respectivo pessoal.

5.º—Transferencia dos mercados dominicaes para outro qualquer dia da semana, á escolha dos interessados.

6.º—Que se torne extensiva aos menores que se empregam no commercio a folga obrigatoria estabelecida para os menores da industria, mencionada no referido projecto de lei.

7.º—Lembra que a fiscalisação na applicação da lei fique a cargo das circumscripções industriaes.

8.º—Que as associações operarias sejam ouvidas na regulamentação da lei.

Factos e ideias

Sem assumpto

Isto de a gente ter tomado o compromisso de encher alguns linguados para uma folha, é o diabol!

Ha occasiões em que ha assumpto de sobra; e outras, como agora, em que não ha

nada, absolutamente nada! E, com muita franqueza: não sei como echer até um linguado, quando o director do jornal me pede para escrever muito, pois d'esta vez tambem tem muita falta de material!

São occasiões, estas, em que a gente se vê entre embaraços.

Mas... tentemos, a ver se o espirito será capaz de produzir alguma cousa, mesmo sem valor.

Reivindicação

O *Caixeiro*, de Lisboa, em seu editorial do n.º 249, diz a proposito das reivindicações da classe:

«... Agora nos dizem que a liberdade vae ser estatuida, que o descanso vae ser legalizado e que assim essa viagem de tantos annos em demanda d'um direito vae ter o epilogo do exito. Que venha essa lei tão reclamada, que o parlamento portuguez produza essa obra erigida já como um dever em varias nações do mundo. A sciencia, a humanidade o exigem: a luz da Verdade tem de irradiar.

Mas desarmaremos nós em presença da concessão d'esta regalia? Não. Um oceano de iniquidades não se acanha com um beijo apenas do sol. O brado das reivindicações não exigia só o descanso; se este era mais insistentemente mencionado, é porque representava a base de todas as regalias, o ponto seguro de partida para as outras jornadas de luz.

Assim é preciso, porque a classe dos caixeiros não deve reunir no problema—descanso—o programma das suas reivindicações. Ha outras cousas que muito devem interessar, como sejam a lei dos salarios minimos, a constituição dos tribunaes d'arbitros, a criação da bolsa do trabalho, evitar a concorrência dos marcanos engravatados e a criação d'escolas subsidiadas pelo governo para serem frequentadas pelos marcanos e pelos caixeiros que precisem d'ellas, e muito mais que não podemos referir.

Mas uma das primeiras cousas que devemos procurar estabelecer, com a maxima urgencia, é a nossa

Federação

Ficou assente, no segundó congresso, o estabelecimento immediato da Federação dos Caixeiros.

Pois se dissermos que d'essa importante resolução apenas existem os estatutos, porque estes foram distribuidos pelos interessados, crêmos que não mentimos.

Pois era a Federação uma das cousas de mais urgente necessidade para, por ella, se conseguir uma forte corrente de opinião associativa, coadu-

nada aos principios estabelecidos pela Federação.

Queremos dizer:—pela Federação, talvez que se conseguisse que todos os caixeiros fossem socios das associações de classe, desde que que ella estabelecer-se:

a) O negociante não poderá admitir ao seu serviço nenhum caixeiro, sem que este prove ser socio de quaesquer das associações federa-

b) A Federação terá o direito de intervir no emprego dos caixeiros e informará sobre a pratica commercial e conducta d'elles.

Bem sabemos que isto é obra que levaria muito tempo a edificar e que só poderia ser levada a effeito com o apoio de alguns artigos que, para o fim referido, teriam de entrar no codigo commercial.

E em outra occasião voltaremos a referir-nos a este assumpto, pedindo desde já aos nossos collegas da imprensa da classe a sua opinião sobre estas nossas despretenciosas considerações, que em nosso entender precisam de muito estudo.

Como se vê, isto vae feito ao correr da penna, porque o nosso trabalho profissional só assim nos deixa escrever.

A Lei

O projecto de lei do sr. dr. Carlos Lopes, que foi entregue á commissão de legislação civil da camara dos deputados, segundo lemos, já foi apreciado pela mesma commissão, mas esta ainda não concluiu os seus estudos.

Fica na commissão para estudos?

Cumpra á classe o dever de se dirigir á referida commissão e pedir-lhe o immediato parecer do projecto.

Para findar

No fim do julgamento, o juiz para o réu.

—Como vê, provou-se que v. não teve nenhuma culpa no crime de que foi accusado, por isso, dou-lhe a absolvição e espero que cá não volte».

—O réu, baixinho:
Voltarei com menos culpas...

Jotta.

Beijos de automobilistas

Por esta é que os automobilistas não esperavam. Um medico inglez acaba de publicar um artigo sensacional, destinado a produzir uma profunda impressão no mundo do sport. N'esse artigo verdadeiramente pittoresco, diz o sabio medico que a rapidez dos automoveis endurece os labios de tal modo que o beijo d'uma mulher perdeu todo o seu gracioso encanto!

Os jornaes especiaes combatem energicamente esta affirmativa, mas diferentes cavalleiros entrevistados a este respeito responderam... encolhendo os hombros! As damas, por seu turno, não affirmam, nem negam. O que é certo é que, nos ultimos tempos, os cosmeticos e preparados destinados a friccionar as faces e os labios tem tido uma venda extraordinaria.

LITTERATURA ESCOLHIDA

Eterna dôr

DE MANOEL NOVAES.

(Fragmento)

«Não ha senão violencia no universo; mas estamos animados pela philosophia moderna que disse: *tudo está bem*, emquanto que a verdade é que o mal maculou tudo, e que n'um sentido muito verdadeiro *tudo está mal*, porque nada está no seu logar.»

Voltaire.

E' o caminhar errante pela estrada,
Ingreme e tortuosa, d'esta vida:—
Ter dôr, é não ter pão, morrer de fome,
Durmir ao frio e nunca ter guarida!...

E' não ter um olhar, doce carinho,
Que nos conduza e nos indique o Norte:—
Um labutar, constante, inconsciente!...
Ter dôr é não ter Mãe e não ter sorte!...

E' ver os outros a soffrer tambem,
Sem que possamos dar-lhe a nossa mão:—
E' querer dar metade á indifferença
Do nosso dolorido coração!...

E' aspirar constante da victoria,
N'esta lucta de morte, braço a braço:—
E' a pressão do forte, que aniquila
O fraco, já vencido de canso!...

E' ser-se um enojado d'esta vida,
Onde não prodomina a Eguualdade;
Descrer da recompensa, enganadora,
Amar a Dôr de toda a Humanidade!...

E' o profundo dó pela desgraça,
A mendigar nas ruas, noite e dia:—
Parias, desprotegidos pela sorte,
Sem ter lar, sem ter pão, sem alegria!

E' ver formar-se a alma d'um sêr qu'rido,
Sentir-lhe palpar o coração,
Para depois se evolar como o vento,
Fugir-lhe tudo o que ella tem de bom!...

E' ver as faces, palidas, cavadas,
Por longo soffrimento, prematuro,
D' aquellas que, n'um dia, a vilania
Lançou, inconsciente, no monturo.

Toda a opulencia e bem estar na terra,
Toda a felicidade até o amor,
Só podem elevar-se e progredir,
Em verdadeiros pedestaes de Dôr!...

Coimbra, 6-5-906

Noite de nupcias

DE ANTONIO FOGAÇA

Branca fada gentil de roseos seios
manda sorrindo, em divinaes carinhos,
á nossa alcova um turbilhão de anceios,
ao nosso abraço a flacidez dos ninhos.

Nada me occultes com febris receios,
fluctua, cansa, n'este mar de arminhos...
que os teus encantos limpídos toquei-os
com mais desejo que a famososinhos.

Meu coração pertence-te, minh'alma
ha de cingir-se a tudo quanto anhelas
numa satisfação intima e calma.

Que o goso inunde o conquistado leitól
E abracem-me os teus beijos como estrellas
que do céu me caissem sobre o peito,

«A FRATERNIDADE NO PORTO»

Não tem sido por falta de assumpto que lhes não tenho escripto, esse tem havido até em demasia, o que me tem faltado e falta é o tempo.

Os afazeres profissionais augmentaram com a abertura da estação do inverno e o mesmo inverno augmentou os trabalhos associativos.

O Descanso Dominical, as escolas, as eleições que são no dia 25 e 500 diplomas para assignar são os meus tormentos que tornam cada vez mais desejado o dia 31 de Dezembro, dia em que termina o meu reinado, podendo então dedicar-me mais livremente á imprensa da classe; até então vão tendo paciência, que só de fugida lhes poderia escrever.

Acêrca de descanso por lei continuamos na mesma. Os nossos parlamentares entendem ser muito justo, mas talvez não lhes pareça artigo de primeira necessidade; a grande Comissão Portuense e a Comissão lisboense também não apertam demais com os deputados, é claro, para não serem *indelicadas* e assim vamos vivendo até que esse maná caia n'este deserto de *actividade* que é característica do nosso bom portuguez que guarda tudo para amanhã. Quanto ao Concelho Director da União esse vai fazendo o que pôde, cumprindo o seu dever, e quem dá o que tem não é a mais obrigado.

—Pela *Fraternidade* soube que o nosso director sr. João de Souza subiu um degrau na escala social, elevando-se ao patronato. Que suba muitos e com felicidade é o meu maior e mais sincero desejo.

—Raul Doria, também um dos sacrificados, pela falta de tempo nos trabalhos associativos, acaba de ver augmentada a familia com mais uma petiza.

Parabens.

—Para o proximo carnaval vamos ter um carro magestoso e imponente, obra dos caixeiros fenianos a cuja Comissão promotora preside o nosso amigo Raul Doria. Que sejam felizes no seu emprehendimento e que a boa fortuna os proteja.

—O assumpto do dia são as eleições da Camara Municipal. Ha tres listas, uma nacionalista que espera vencer com a ajuda de Deus, que n'estes casos intervem a favor de quem tem mais votos, tal e qual como n'uma guerra, dando sempre a victoria ao mais forte; as outras listas uma é o passado, outra é o futuro.

Ambas as listas são compostas de homens honrados, mas como todos nós temos obrigação de ser honrados desde o creado de servir até ao rei, o ser honrado só não basta, é preciso também ter brio, orientação, principios e intelligencia e energia para defender as causas justas; são portanto estes homens que devem ser eleitos.

4-11-1906.

Baptista Junior.

Por mais que qualquer se julgue bem, sempre conhece, que pôde ser melhor.

PORQUE NÃO HA-DE SER D'ESTA

A phrase que vulgarmente ouvimos pronunciar a certos collegas, que não dão ou fingem não darem credito ás promessas expontaneas do sr. João Franco, sobre a lei do descanso, é que —*não é d'esta!*

Porventura haverá quem, dentro da monarchia, possa organizar um governo mais liberal e mais cumpridor dos seus deveres, do que aquelle que agora guia os destinos do paiz?

Bem sabemos que ha razões e muitas, para se poder duvidar das promessas dos monarchicos.

Mas o que também é facto é que, de entre os governantes dos ultimos annos, não se pôde destacar um unico que, no cumprimento das suas promessas feitas á nossa classe, avançasse até tão longe, como o sr. João Franco avançou!

O chefe do governo, tendo traçado e programma ministerial, incluiu n'elle as medidas de protecção ás classes trabalhadoras e, entre essas medidas, uma disse respeito á nossa classe: — é a lei do descanso semanal!

E immediatamente, nos jornaes, elle disse e fez dizer que a lei do descanso semanal occupa um dos primeiros logares do programma legislativo. E tanto assim, que o sr. João Franco encarregou o seu particular amigo e illustre deputado sr. dr. Carlos Lopes da elaboração e apresentação na camara do mesmo projecto, obtendo o sr. dr. Carlos Lopes a promessa e declaração clara de que o governo se interessa directamente na approvação do trabalho do illustre medico.

E eis porque não aceitamos as duvidas de alguns collegas sobre o cumprimento das promessas do chefe do governo á nossa classe.

O sr. João Franco nada tem com promessas dos seus antecessores; nem lhe cabem responsabilidades nos actos d'aquelles que, para com a nossa classe, só mentiram!

O sr. João Franco, até ao presente, simplesmente tem dado provas de rarissimo cumprimento das suas promessas, e eis porque nos não merecem a menor duvida as suas declarações, nos centros e nos jornaes, de que se interessará pelo bem estardos que trabalham.

Só resta agora que a comissão de legislação civil, onde o projecto de lei do sr. dr. Carlos Lopes se acha para estudo, lhe dê parecer em curto praso de tempo.

Não falta mais nada!

Mas se o sr. João Franco alguma dia for menos cumpridor das promessas que fez á nossa classe, *sem a nossa classe lh'as ter pedido*, então com toda a razão e com toda a justiça, poderemos dizer:

Nada temos que esperar da monarchia, porque os homens que a compõem nos falseiam e enganam.

Temos, pois, de abraçar outra politica, uma politica honesta, leal e sincera, mas essa politica é preciso creal-a ou alimental-a, creando-se o partido do trabalho, ou ligar o partido do trabalho ao partido da Republica.

Almendra.

«A Fraternidade» em Lisboa

Depois de grande e agitada expectativa da classe cessaram os relumbantes e entusiasticos clamores de alguns *milagrosos* defensores da causa dos caixeiros, «o descanso semanal».

Certo é, que tendo sido já apresentado o projecto ao parlamento, não devia a classe entrar de novo no mtismo, em que tem jazido.

O projecto está affecto á Comissão de Legislação, que procura activar o seu parecer, e segundo informações, que constam, deve em breve baixar á camara dos deputados, e talvez entre em discussão ainda este mez.

Tudo porém obriga a supôr que, além da vontade, de quem se empenha no assumpto, ha difficuldades para a rapida execução da lei, por causa da ferrenha ignorancia d'uma parte de commerciantes, que não respeitando nunca pactos firmados, se arvoram agora em protestantes contra a lei.

Posto isto, e por não se conhecer fundamentalmente a lei e seu regulamento, e para não prejudicar o seguimento de tão importante assumpto aguardemos *pacientemente* os factos, e depois teremos tempo para serenamente os discutirmos.

Associação dos caixeiros

No proximo domingo, tem lugar n'esta collectividade uma sessão solemne para abertura das aulas e celebrando a apresentação do projecto de lei ao parlamento.

Estão convidados para fallar n'esta sessão illustre oradores, entre os quaes figuram os srs. drs. Alfredo da Cunha, Affonso Costa, Carlos Lopes e os srs. Barros Queiroz e Augusto Cezar dos Santos.

Esta festa será abrilhantada com o concurso da benemerita tuna commercial de Lisboa.

Depois da sessão proceder-se-ha á inauguração da kermesse, cujo producto reverte a favor do cofre, e para o qual tem sido recebidas numerosas prentas.

Por proposta do collega Bento Rodrigues deve realizar-se ainda este mez um grande movimento a favor do projecto de lei obrigatorio do «descanso semanal», e que a comissão administrativa d'esta associação vae pôr em pratica.

Na proxima segunda-feira (12) pelas 9 1/2 reune a assembleia geral para tratar de assumptos importantes e de ordem interna.

Lisboa, 8-11-1906.

L. P.

Charadas & enigmas

(1) Bilhete postal

34-4-3-22-6-36-37-20-21

10 | 11 | 1906.

34-11-7-29

23-18-24-16-14

Participo-te que tenho estado bastante 12-38-35-8-5-26.

28-1-33-32-39 vezes tenho estado 35-8-34-29-18-18-20-10-11-19-14. 18-17-30-13-39-5-6 17-8-8-38 pegou-me a valer.

Para 18-13-27-29 de convalescencia 2-24-25-13-9 aqui residência por algum tempo.

Cá te espero qualquer dia.

teu amigo,

1-8-5-29-8-9-20.

Kicai.

(2) Charadas

Com mais cá sou animal—1

E com mais pá animal sou—1

Com mais só um animal—1

Sempre *sovegado* estou. Nico I.

(3) Adicionadas

Todos tem—1

—a—

pessoa de familia 1. Zurc.

(4) Em phrase

Para lá com o animal bisborria-1-2. Kgu.

(5) A José Luiz Cavaco

Aqui este animal coma-se—1-2.

(6) Dois amigos

Comprei na Pampilhosa um tecto para cobrir um ramo de videira—1-2.

(7) Augmentativa

E' de louça, e do cabelo—3. Cacho.

(8) Crescente

Quando cheguei—pensei que estava tudo cheio de—mas afinal era —fragmentos inuteis. Ipópó.

(9) Phrases e ruas

Formar o nome d'uma rua do Porto com as letras da seguinte phase, COMA PURA E GRELADO Nico I.

Typographico

Dedicado a todos os charadistas por «Kicai» RIO AVE Kicai.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Cruz, «Kicai», rua do Almada, 26—Porto.

«A Fraternidade» no Porto

Até que emfim, o nosso presado amigo sr. Baptista Junior se resolveu a mandarnos noticias da *Invicta*.

E' para dar louvores a Deus é para nos felicitar-mos; e que elle não esqueça esta folha.

Antonio Bana

Da sua casa, em Lagoal, Caxias, regressou a Lisboa o nosso prestimoso collega e particular amigo sr. Antonio Bana, acreditado guarda livros da Companhia de Panificação Lisbonense, depois de ter recebido o golpe do fallecimento de sua estremecida filhinha Eugénia.

«A FRATERNIDADE»

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca. mo Lus.